

“Aterro não é única saída para o lixo”

Ana Branco

Camila Nobrega

camila.nobrega@oglobo.com.br

Quando o assunto é lixo, não existe solução única que dê conta do problema. Essa é a principal conclusão da tese de doutorado que a sueca Anna Bernstad está prestes a defender na Universidade de Lund, na Suécia, usando a metodologia de análise do ciclo de vida de diferentes tecnologias para comparar alternativas dadas aos resíduos sólidos. Nessa entrevista, a pesquisadora, que acaba de se casar com um brasileiro e se mudar para o Rio de Janeiro, alerta: o Brasil pode estar jogando fora outras possibilidades de destino para o lixo ao apostar apenas em aterros sanitários. Para ela, é quase impossível o país bater a meta de acabar com os lixões em quatro anos.

O GLOBO: Na Suécia, a incineração é o principal destino do lixo. Mas há outras alternativas em larga escala?

ANNA BERNSTAD: Sim, na Suécia há uma combinação de soluções: 48.5% do lixo municipal são incinerados e geram energia. Em alguns municípios, boa parte do lixo orgânico vai para usinas de tratamento biológico, com o uso de microorganismos para fazer a decomposição anaeróbica (sem presença de oxigênio). Ou seja, os microorganismos “comem” o gás carbônico, e, no fim do processo, o metano é capturado para virar energia. Há ainda a compostagem comunitária em vilarejos isolados.

O GLOBO: Como é feita a análise do ciclo de vida dos diversos tipos de tratamento de lixo?

ANNA BERNSTAD: Na prática, nós medimos tudo aquilo que é passível de ser transformado em número: dos gases emitidos em cada processo à geração final de energia, entre outras coisas. E faz diferença, por exemplo, se a matriz energética do país é limpa ou não. A Dinamarca é um caso no qual trabalho e lá a maior parte da energia é termelétrica. Isso entra na conta, pois



A SUECA é especialista na análise do ciclo de vida de resíduos sólidos

vale ainda mais a pena ter geração a partir do lixo. A análise do ciclo de vida não é uma ferramenta perfeita. Não conseguimos medir a perda de biodiversidade ou questões sociais. Mas é um método que nos permite fazer comparações entre as alternativas.

O GLOBO: E, com base nesse cálculo, entre as alternativas existentes hoje, quais são as mais interessantes?

ANNA BERNSTAD: Depende. O mais importante é saber que há vários destinos possíveis para os resíduos de uma cidade. Se o lixo é algo heterogêneo, como vai haver uma solução única? E há municípios europeus que adotam mais de um tipo de tratamento. Há muitos casos também de co-tratamento de esgoto e lixo orgânico em grandes usinas. A melhor solução precisa ser avaliada localmente. O que posso dizer sobre o lixo orgânico, minha especialidade, é que os tratamentos biológicos anaeróbicos têm dado bons resultados em larga escala.

O GLOBO: A compostagem é benéfica?

ANNA BERNSTAD: Também depende. Se o seu lixo vai para um aterro sanitário, provavelmente sim. Se seu lixo vai para usina de tratamento biológico em larga escala, com produção de energia, como ocorre na Suécia, não. Eu mesma estou fazendo uma composteira na minha casa aqui. Mas sei que ela emite metano. É preciso colocar folhas secas, serragem e manter arejado, para reduzir esse impacto.

O GLOBO: Atualmente, cerca de 80% do lixo em cidades brasileiras vão para lixões. E, como alternativa, a principal aposta está nos aterros. Como você avalia esta escolha?

ANNA BERNSTAD: Não entendo por que estão escolhendo os aterros sanitários como única solução no Brasil. Pode ser por falta de estudos que avaliem os benefícios dos tratamentos em cada localidade ou até por motivos econômicos. Há muitas empresas

especializadas em aterros sanitários hoje. E há ótimos aterros. Mas é preciso ter cuidado com esse discurso pronto e único. É preciso explorar outras possibilidades. O Brasil tem demanda crescente de energia, e os aterros não são um modelo muito eficiente de produzir energia. A sociedade precisa entrar nessa discussão.

O GLOBO: A Política Nacional de Resíduos Sólidos brasileira, aprovada em 2010, prevê o fim dos lixões até 2014. Será possível atingir esta meta apenas com aterros?

ANNA BERNSTAD: É uma meta muito ambiciosa. Acho que vai ser muito difícil. A não ser que houvesse caminhos mais claros, incentivos financeiros para cada município. A Suécia tinha uma meta de reduzir em 35% o lixo orgânico que vai para incineração até 2010. Só chegamos a 21%. Mudar o caminho do lixo não é uma coisa que se faça de um dia para o outro. É preciso fazer campanhas. E tem o lado das empresas.

O GLOBO: Qual o principal papel das corporações?

ANNA BERNSTAD: É mais fácil começar a coleta seletiva por supermercados, restaurantes, empresas em geral. E é mais fácil também se elas implantarem a logística reversa em conjunto. Como uma empresa pequena vai fazer para organizar a coleta final de produtos? Na Suécia, todos os produtores de embalagens montaram uma associação, para a qual pagam uma taxa por tonelada de produto posto à venda. Essa associação recolhe todos os recicláveis e dá destino a eles. É mais simples para as empresas, e para o consumidor. O problema nesse sistema é que só se recicla embalagem. Se eu tenho uma faca de metal e quero colocar no lixo escrito “metal” não posso, porque está fora da atuação das empresas. Mas ainda assim é um sistema interessante.